

Carnavais populares ribeiragrândenses

Sempre ouvi dos antigos que podemos ter Natal e Carnaval todos os dias. E por que não? A nossa moral prescreve a preservação da família e a importância do controlo social. Também ela permite o contrário, ou seja, o desregramento, o descontrolo. Neste último caso entra o Carnaval, momento de rutura com o estabelecido. Aqui vale tudo, porque ninguém leva a mal, é o que dizem. Provavelmente, um modelo de Carnaval rico em excessos, dir-se-ia que importado, porém, que não o, genuinamente, nosso.

No concelho da Ribeira Grande, o Museu Municipal tem vindo a detetar filões memoriais de Danças de Entrudo. Trata-se de um património cultural imaterial, deveras muito perto de nós, que urge ser perpetuado. Damos o exemplo de um filão encontrado na vila de Rabo de Peixe: António Luís Amaral, herdou a sapiência das danças carnavalescas de José do Nascimento, já falecido, tendo passado o mando a António Manuel Ledo Arruda, todos eles Mestres de Dança. Estamos a falar de um filão, presumivelmente, centenário. Entretanto, é o veio de mais longevidade que se encontrou no concelho. Contudo, a experimentação que o Museu tem vindo a fazer ao nível do coitejo de jornais locais, a partir de 1856, e outra documentação, ainda, em nada lhe autoriza a afirmar a existência longínqua do rebuliço desse teatro popular. Resta-nos, para já, em grandeza, a memória oral, memória de organizadores e de participantes, de que o Museu já foi por três vezes promotor, no caso da designada *Dança dos Arlequins*. O Museu Municipal da Ribeira Grande afirma a sobriedade, a alegria e o convívio que tais danças propiciam. Os textos coreografados são na sua maioria salu-



Comédia "O Viagra e a Burrica", 2003 (Fotografia de Hermano Teodoro).

bres e apelam a ritos iniciáticos. (De António Luís: *Evamos ver/ Refrão: Evamos ver/ Qual a sua opinião/ Que é para a gente saber/ Se ela diz que sim ou não/ Ela é jeitosa/ E também muito engraçada/ Mas também é mulher teimosa/ Para vir à confissão*). Tais danças não permitem excessos.

Indo adentro do teatro popular ribeiragrândense, refira-se o de rua, o Carnaval parece estender-se até ao verão. O dia 29 de junho, feriado municipal, dia das Cavalhadas, é também dia das Comédias de São Pedro. Estas mostram rebeldia, bem satírica, mas honesta, quanto ao quoti-

diano político-social, mormente, o local. São bem detetáveis na segunda metade do século XIX. A mascarada e a burricada podem acompanhar a Comédia. Aqui a folia é, verdadeiramente, *sã*. O Museu, na última década, promoveu a saída de várias Comédias, de realçar a intitulada *O Viagra e a Burrica* (De Gilberto Pinheiro, poeta popular, 2002: *Pra fazer a coisinha levantar/ A ciência medicamento criou/ Esse Viagra que faz ressuscitar/ Uma coisa que murchou*). O mesmo, também no referido ano, acompanhou a realização de uma comédia, com o título de *O Caça*, da autoria

e interpretação dos poetas populares Nicolau Sousa e Silva e José Medeiros Peixoto, moradores na freguesia da Ribeira Seca (Dirigidos aos emigrantes canadianos houve os versos que seguem: *Trouxeram as máquinas de filmar às costas/ E ao lado vem a mulher/ Vocês querem fazer umas apostas?/ Que isto é tudo máquinas de aluguer*).

Ainda, em pleno estio, nas terças-feiras das festas paroquiais, no caso das citadinas, o Museu tem vindo a acompanhar manifestações de índole carnavalesco conhecidas por *Música das Canas*. A descontração é o que predomina. A mascarada, a cana vieira e instrumentos filarmónicos obsoletos estão presentes. Quem quiser pode ser músico uma vez na vida. Fazem-se peditórios para as comissões paroquiais, para filarmónicas ou para uma *jantarada* dos foliões. Em 2008, os da freguesia de Santa Bárbara, em arenga, caçaram o Bin Laden, feito que, até então, os norte-americanos não tinham conseguido.

O Museu Municipal da Ribeira Grande, no âmbito do património cultural imaterial local, tem, ainda, muito mar por navegar. Contudo, o mesmo tem tido por lema evitar tempestades, preferindo, sim, chegar seguro a bons portos. ♦

HERMANO TEODORO
MUSEU MUNICIPAL DA RIBEIRA GRANDE
hermanoteodoro@cm-ribeiragrande.pt

PROMOTOR



Governo dos Açores

SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA
Direção Regional da Cultura



Danças de Cadarços

Na Ribeira Grande várias freguesias ainda têm mantido, aqui e acolá, com textos, coreografias e instrumental musical diferente, danças populares de Entrudo. A "Dança dos Cadarços" parece ser a mais recorrente, como este de Rabo de Peixe, da autoria de mestre António Silva: [1.º movimento: Enrolar] *Acertamos nossos passos// Sendo todos por igual// Para en-*

rolar os cadarços// Das festas do Carnaval// Raparigas e rapazes// Tomamos a decisão// Mostrar que somos capazes// De alegrar a multidão. [2.º movimento: Desenrolar] Agora desenrolar// Aquilo que se enrolou// Que é para isto ficar// Igual como começou// Acabar agora vamos// Esta bonita canção// Agradecidos ficamos// De dentro do coração. ♦

Curso carnavalesco do Pico da Pedra

É uma manifestação que ocorre no Domingo Gordo. Arrançou no ano de 1979, aquando da instalação da Casa do Povo local, ainda sua promotora. Aos Corsos nunca foram impostos temas de base que servissem de mote para criatividade da folia. Neles aconselha-se o não uso de materiais das guerreias de Carnaval: máscaras, água, farinhas. O Corso tem influência do Carnaval brasileiro. Nele a crítica sociopolítica está patente (Recolha, G. Bernardo: *Mesmo os políticos coerentes/ Lá pelas suas razões/ Usam*



máscaras diferentes/[D]epois das eleições, Corso, 1993). Encerra o cortejo um Rei e uma Rainha num carro que tem sido ornamentado do Museu Municipal da Ribeira Grande. ♦